

A Mangabeira As Catadoras O Extrativismo

Dalva Maria da Mota
Josué Francisco da Silva Junior
Heribert Schmitz
Raquel Fernandes de A. Rodrigues
Editores Técnicos

Embrapa

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Amazônia Oriental
Embrapa Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

A Mangabeira As Catadoras O Extrativismo

Dalva Maria da Mota
Josué Francisco da Silva Junior
Heribert Schmitz
Raquel Fernandes de A. Rodrigues
Editores Técnicos

*Embrapa Amazônia Oriental
Belém, PA
2011*

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Amazônia Oriental

Tv. Dr. Enéas Pinheiro, s/n.
Caixa Postal 48.
CEP 66095-100 - Belém, PA.
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845
www.cpatu.embrapa.br
sac@cpatu.embrapa.br

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Av. Beira Mar, 3250. Jardins.
Caixa Postal 44.
CEP 49025-040 - Aracaju, SE.
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
www.cpatc.embrapa.br
sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Editoração

Presidente: *Moacyr Bernardino Dias-Filho*
Secretário-executivo: *Walkymário de Paulo Lemos*
Membros: *Ana Carolina Martins de Queiroz, Célia Regina Tremacoldi, Luciane Chedid Melo Borges.*

Comitê Local de Publicação

Presidente: *Ronaldo Souza Resende*
Secretária-executiva: *Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues*
Membros: *Ana Veruska Cruz da Silva Muniz, Edson Patto Pacheco, Élio César Guzzo, Evandro Neves Muniz, Luciana Marques de Carvalho, Josué Francisco da Silva Junior, Paulo César Falanghe Carneiro, Semiramis Rabelo Ramalho Ramos, Viviane Talamini.*

Supervisão editorial: *Luciane Chedid Melo Borges*

Revisão de texto: *Adilson Oliveira Almeida, Narjara de Fátima Galiza da Silva Pastana*

Normalização bibliográfica: *Josete Cunha Melo, Regina Alves Rodrigues*

Projeto gráfico e Produção editorial: *Laís Zumero*

Capa: *Laís Zumero*

Editoração eletrônica: *Ezequiel Noronha Jr.*

1ª edição

1ª impressão (2011): 500 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Amazônia Oriental**

A mangabeira as catadoras o extrativismo / editores técnicos, Dalva Maria da Mota ... [et al.]

. - Belém, PA : Embrapa Amazônia Oriental; Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2011.

297 p. : il. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-87690-95-1

Editores-técnicos: Dalva Maria da Mota, Josué Francisco da Silva Junior, Heribert Schmitz, Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues.

1. Agricultura familiar. 2. Mulher rural. 3. Mangaba. 4. Extrativismo. 5. Sociologia I. Mota, Dalva Maria da, ed.

CDD 305.563 (21. ed.)

CAPÍTULO VI

SABERES E PRÁTICAS: TRADIÇÃO AMEAÇADA

SABERES E PRÁTICAS: TRADIÇÃO AMEAÇADA¹

Josué Francisco da Silva Júnior

Dalva Maria da Mota

Heribert Schmitz

Jane Velma dos Santos Brito

Saberes e práticas relacionados aos recursos naturais são construídos para sua apropriação e adaptação às necessidades de grupos sociais, alimentando um processo contínuo de demandas cotidianas, podendo ser conferidos pelas formas como são classificados na natureza - animais, vegetais, sons, tempo, barulhos, odores, processos, entre outros, como nos sugere Castro (1997).

Esses saberes se constroem a partir de ações de observação, de fazer e de pensar de atores inseridos num dado modo de vida referenciado nas múltiplas faces da cultura que identificam os grupos a que pertencem. Este é o caso das catadoras de mangaba que, na relação direta com os diferentes recursos em que praticam o extrativismo, construíram saberes e práticas num dado território, interferindo minimamente na sua transformação, como ocorre no cotidiano dos denominados povos tradicionais. Entretanto, como nos adverte Cunha (2007), tradicionais são os seus modos de construção dos saberes e não os saberes em si. Aliás, não são estáticos e imutáveis, mas sim dinâmicos e influenciados pelas relações sociais que esses grupos têm com outros atores. Assim, a diversidade de saberes leva a diferentes práticas (CASTRO, 1997; VEIGA, 2002).

¹ Neste capítulo, optamos por valorizar os depoimentos de catadoras de mangaba de vários estados brasileiros, em decorrência da interface que esses depoimentos têm com aqueles coletados em Sergipe, cerne dos conteúdos tratados.

Partimos da noção de que existem diferentes tipos de saberes, mas que todos eles são opostos à ignorância, ou seja, ao não saber fazer ou pensar. O saber pode ter origens diversas e, segundo Chartier (2006), é produto do “saber fazer” e “ouvir dizer” misturados a mitos, ritos, crenças, superstições e saber-fazer rotineiro. Está muito associado a uma tradição oral referenciada temporal e espacialmente.

A partir de saberes e práticas construídos na relação direta com os diferentes recursos em que praticam o extrativismo, as catadoras de mangaba historicamente cuidaram de um dado território, conservando-o e interferindo minimamente na sua transformação. Repassados por meio da oralidade, esses saberes e práticas são fundamentais à conservação *in situ* da biodiversidade e dos recursos genéticos, dos quais dependem para sua sobrevivência.

Tempos e santos: o calendário das mangabeiras

Ao falar das plantas, as catadoras de mangaba demonstram reconhecer e acompanhar as diferentes fases destas em dois sentidos: i) o desenvolvimento da planta desde a germinação da semente até a fase adulta; ii) a reprodução da planta que vai, inicialmente, da emissão do botão floral até a fecundação da flor e, depois, do crescimento do ovário até a sua maturação. Analogamente, costumam comparar as plantas a uma mulher que nasce, cresce, reproduz e morre, chamando a atenção para a especificidade de cada filho ou fruto e fazendo associações com partes do seu corpo (o fruto da mangabeira provém do ovário da flor, por exemplo).

Segundo as catadoras, a época de produção de mangaba em Sergipe ocorre de dezembro a julho, em duas safras: uma mais prolongada que se dá no verão (época seca com algumas trovoadas), de dezembro a abril, chamada de “safra da flor”, porque o ovário se desenvolve rapidamente sem a queda da flor que permanece murcha como um fio acompanhando o desenvolvimento do fruto. Há uma produção maior de frutos, só que mais distribuída durante a safra, e o fruto caracteriza-se como mais doce nessa época. Na outra safra, que se dá no inverno (época das chuvas) e se estende de maio a julho, chamada “safra de botão”, os frutos não se sustentam e

caem em quantidade. A “inexistência” da flor nesse período caracteriza essa fase, pois, para as catadoras, a mangaba nasce do talo como um botão. Na verdade, a flor produzida cai com antecedência em virtude das chuvas, e o ovário fica em dormência por mais ou menos 1 mês, até o surgimento do fruto. Essa safra é caracterizada como de boa produção, porém os frutos não se sustentam durante o período chuvoso e caem em quantidade, o que torna a safra de curta duração.

“O tempo que tem mangaba é janeiro, fevereiro. Tem duas safras, tem também de maio até São João. No inverno cai muito e ‘cria’ umas manchas com a chuva” (Z. E. Z., catadora de mangaba da Vila de Nazaré, PE).

As catadoras fazem uma interessante associação das fases da planta com o calendário católico. O mês de julho (mês de Sant’Ana, para as catadoras) é o fim da safra de inverno, na qual praticamente não há frutos. As folhas começam a cair, e esta fase estende-se até setembro. Entre setembro e outubro, dá-se a renovação das folhas. “Quando ela tá pra florar ela cai a folha, pra vir outra folha pra botar. Cai a folha pra vim outra camada pra botar aquela mangaba” (D. I. N., 50 anos, catadora de mangaba do povoado Naipo, BA). De setembro até março, a mangabeira floresce, sendo que de outubro a dezembro, essa floração se intensifica. “É o tempo da renovação” (M. E. S., 80 anos, catadora de mangaba do povoado Olhos d’Água, SE). Diz-se que até a Quaresma, a planta floresce: “Desse mês em diante (mês de setembro), vai até a Quaresma florando e botando” (V. A. L., 70 anos, catadora de mangaba do povoado Barro Branco, BA). Da flor ao aparecimento do fruto, levam-se 2 meses.

A frutificação se inicia em outubro, com o desenvolvimento dos primeiros frutos. De outubro até dezembro, há muitos frutos jovens. Até fevereiro, ainda há frutos em desenvolvimento. Em novembro e dezembro, os frutos ainda estão verdes ou “de vez”. De dezembro a abril, dá-se a colheita de verão, sendo o pico de produção no período de janeiro a março. “Se fizer sol aí ela fica mais amarelinha. Ela gosta mais de sol do que de chuva” (E. L. Z., catadora de mangaba da Vila de Nazaré, PE). Na época da Semana Santa, há um decréscimo na produção (últimos frutos da safra de verão) e, em maio, há o início da safra de inverno, que segue até o São João (junho) ou início de julho.

De abril a julho, em decorrência das intensas chuvas do período de outono e inverno, ocorre queda de flores e frutos. “Mangaba gosta mais de sol. A mangaba não gosta de chuva não” (V. A. L., 70 anos, catadora de mangaba do povoado Barro Branco, BA).

“O melhor tempo da mangaba é o verão. No inverno ela não presta não. Fica sem doce. No verão ela fica apurada. Por causa da chuva, a manga também não presta. A jaca também no inverno não presta” (Z. E., catador de mangaba do povoado Naipo, BA).

A partir das diferentes informações e associações, sintetizamos o calendário da mangabeira (Tabela 1), podendo ocorrer algumas pequenas variações, caso o ano seja atípico (muita chuva, seca prolongada, etc.).

Tabela 1. Calendário das fases da mangabeira em Sergipe.

Fase	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Queda das folhas							■	■	■			
Renovação das folhas									■	■	■	
Floração	■	■	■						■	■	■	■
Frutificação (desenvolvimento dos frutos)	■	■								■	■	■
Colheita (maturação dos frutos)	■	■	■	■	■	■						■
Queda de flores e frutos				■	■	■	■					

“Cada planta é de um jeito”: tipologia das plantas

As catadoras classificam as plantas de diferentes maneiras aprendidas ainda quando crianças, no decorrer das idas aos campos com as mães ou com outros adultos, todos pertinentes às redes instituídas com finalidades específicas de coleta de mangaba (Tabela 2). Os aprendizados nesses eventos se dão pela demonstração do exemplo a ser seguido com ou sem palavras e repreensão daqueles feitos considerados inadequados. A observação é apontada por todos como o cerne dos novos aprendizados.

Tabela 2. Classificação das plantas de mangabeira idealizada pelas catadoras de mangaba.

Parâmetros	Características
Produção	Planta que bota muito ou carrega mais
	Planta que bota pouco ou carrega menos
Porte	Alta
	Baixa
Idade	Nova
	Velha
Qualidade dos frutos	Planta que bota frutos pequenos
	Planta que bota frutos grandes
	Planta que bota frutos grandes e pequenos
	Planta que bota frutos doces
	Planta que bota frutos azedos
Precocidade	Ligeira
	Demorada

Segundo os depoimentos das catadoras, as mangabeiras são muito diferentes entre si. A grande variabilidade genética existente entre as plantas é reforçada pela fala de uma catadora, que afirma: “Cada planta bota de um jeito. Igual à mulher: tem filho gordo, filho magro, branco, preto, bonito, feio [...]” (A. D. E., catadora de mangaba da Vila de Nazaré, PE).

Os diferentes desempenhos das plantas são apontados como decorrentes de uma intervenção divina que fez com que umas botem mais, outras menos, tenham frutos mais ou menos saborosos, maiores ou menores. Em consequência, as catadoras utilizam aquelas plantas que foram mais “abençoadas”, mesmo que em situação de grande pressão sobre os recursos todas as plantas sejam visitadas.

No universo de classificação das plantas, outras associações recorrentes são entre a idade das plantas e a das pessoas, a qualidade dos frutos e a precocidade das plantas.

A idade das plantas é associada à das pessoas pelas características da pele e capacidade reprodutiva. Assim, a mangabeira é classificada em nova, quando possui casca lisa, análoga a uma pele sem rugas, e “bota mais fruto”. A mangabeira é considerada velha quando apresenta casca enrugada, descasca facilmente, tem o tronco rachado e “bota menos fruto”. As indicações de vulnerabilidade da casca equivalem ao envelhecimento do corpo, cuja pele enrugada seria um parâmetro. Segundo as catadoras, as mangabeiras podem durar mais de 60 anos, e quando estão muito velhas, perdem a capacidade de rebrotar caso tenham sido queimadas. “Quando o pé é velho demais e toca fogo, ele não rebrota”. Segundo uma catadora “A idade da mangabeira a gente sabe pelo jeito” (E. D. V., catadora de mangaba do povoado Pontal, SE).

A qualidade dos frutos produzidos é apreciada em dois sentidos: tamanho e sabor, muito embora as catadoras reconheçam que num mesmo galho podem haver mangabas de diferentes tamanhos. Da mesma forma, existem plantas que produzem mais rápido, como afirma M. E. S., catadora de mangaba no povoado Olhos d’Água, SE: “Tem mangaba que bota antes das outras. Não pode botar tudo de uma vez”.

Um outro tipo de classificação é quanto aos diferentes portes das plantas. Segundo as catadoras, pode-se encontrar plantas altas e baixas, e estas ainda podem mostrar ramificação mais “espalhada” ou mais “junta”.

A mangabeira também apresenta alternância de produção: num ano dá muito e no outro dá pouco, e quem determina isso é o “tempo”: “Tem uns pés pequenos que carregam. Uns anos, os pés dão muito e uns anos os pés dão pouco” (J. O. S., catadora de mangaba do povoado Alagamar, SE). Outro relato importante foi que as plantas mais resistentes ficam nas “caatingas” e, dependendo do lugar, as árvores botam frutos melhores. Por exemplo, para as catadoras do povoado Pontal, SE, a mangaba da Bahia é mais doce.

Cores, tamanhos e sabores: os tipos de frutos

Os frutos são classificados pelas catadoras quanto a diferentes e variados aspectos (Tabela 3). A definição do estágio de maturação, por exemplo, depende da combinação de diversas características, mas o reconhecimento é

feito apenas com o olhar para identificação da cor e da textura da casca. Esta é uma classificação que é socializada de forma muito intensa e contínua com as crianças para que não sejam desperdiçados frutos retirados verdes. Mulheres e crianças afirmam que conseguem identificar o estágio de maturação apenas com o olhar, habilidade desenvolvida em decorrência da impossibilidade de tocar em todos os frutos antes da colhê-los.

Tabela 3. Classificação dos frutos da mangabeira segundo as catadoras de mangaba.

Parâmetros	Características
Cor	Verde
	Amarelo ou Branco
	Vermelho (apresentam muitas pintas e manchas vermelhas; no inverno ficam mais escuras)
Sabor	Azedo
	Doce
	Amargo (imediatamente quando cai do pé)
Forma	Redonda
	Oval
Estádio de Maturação	Verde (tem normalmente a cor verde, porém pode apresentar coloração irregular, por causa do sol). Tem muito “leite”.
	“De vez” ou “paé” ou “inchado” (a cor verde-amarelada e o tamanho são indicadores, juntamente com a textura). Tem “leite”.
	Maduro (tem “leite” apenas na hora em que cai). A cor não é tão importante, pois pode ter mangaba madura esverdeada. Predomina a cor amarela.

Continua...

Tabela 3. Continuação.

Parâmetros	Características
Textura	Liso
	“Caroquento”
Consistência	Duro (fruto verde)
	Mole (fruto maduro)
Forma	Grande ou graúdo
	Médio
	Pequeno ou miúdo
	“Birrinho” ou botão
Desenvolvimento do fruto	Normal
	“Peco” ou “chocho” ou “ensengado”
	“Empedrado”
	“De cachorro”
Tipo de maturação	“De caída” ou “de queda”
	“De capote” ou “de capota”

As catadoras indicam que existem dois tipos de frutos, classificados de acordo com a forma de colheita e o tipo de maturação: os frutos “de caída”, também chamados “de queda”, e os frutos “de vez”, também conhecidos como “paé” ou “inchados”. Os primeiros são os frutos maduros que se soltam da planta e são colhidos no solo, completando a sua maturação cerca de 12 horas depois que caem, quando estarão ideais para o consumo in natura, já que terão perdido o látex. Os segundos são aqueles que ainda não completaram a sua maturação, sendo colhidos na planta com auxílio de uma vara na qual é acoplado um gancho. Os frutos maduros apresentam consistência mole, os verdes são duros e os “de vez” têm consistência entre o duro e o mole.

Quanto ao seu formato, eles podem ser redondos ou ovais. Neste último formato, o fruto também é chamado de “mangaba-pera” e “mangaba-

-peito-de-moça”. A textura da mangaba pode ser lisa, quando o fruto está “de vez”, e “caroquenta” (áspera), quando o fruto está verde. Com relação ao desenvolvimento, a mangaba pode ser normal; “peca” ou “chocha” ou “ensengado” (não completa o desenvolvimento, fica preto de um lado, murcha e cai); “empedrada” (fica dura e também não completa o amadurecimento). Existe também a “mangaba-de-cachorro”, quando o fruto adoece e cai, possuindo sabor amargo.

As cores são indicativas da qualidade dos frutos. Algumas são mais vermelhas, outras são mais amarelas, e ainda existem aquelas com pintas pretas. As cores têm relação com a época. No verão, os frutos têm aparência mais clara e homogênea e por isso são preferidos para a comercialização. No outono-inverno, os frutos apresentam manchas escuras que influenciam na cor dos sucos, sorvetes e picolés, por esta razão são menos apreciados, implicando, inclusive, a menor venda. Registram-se casos em que as catadoras evitam coletar frutos com essas características. Esta safra é menor (corresponde somente a 20% ou 30% da de verão), em razão da elevada queda de flores e frutos causada pelas chuvas do período.

Outra forma de classificação é quanto ao sabor, muito associado ao tipo de coleta (madura ou “de vez”), mesmo existindo pessoas que afirmem: “Foi mangaba, todas elas são boas. Tem umas miudinhas, né? Agora aquelas mais graúdas são mais gostosas. Eu gosto de catar mais as graúdas, escolho elas, aquelas ‘graudonas’ mesmo” (M. S., catadora de mangaba de Costa Azul, BA).

Reprodução das plantas: coisa de Deus, do homem ou dos bichos?

Questionadas sobre a origem das plantas, as catadoras reconhecem existir dois momentos distintos. Um primeiro, em que as plantas foram criadas por um ser superior juntamente com outros animais, sobre o qual ninguém se arrisca a dar muitos detalhes, porque acreditam ser um mistério, como explicitado por uma catadora do Pontal. Quando questionada quanto ao surgimento das plantas, ela respondeu: “Foi Deus, não foi não?” Esta noção ultrapassa as fronteiras do Estado de Sergipe, como pode ser visto

nas palavras de uma catadora de Costa Azul, na Bahia: “As mangabas são do mato, são de Deus. Deus que botou, nasceu lá”; e de um pescador da Praia dos Carneiros, em Pernambuco: “As mangabeiras nasceram da natureza, porque já teve gente que plantou aqui e não teve jeito de vingar”.

Um segundo momento é aquele em que as plantas já existentes começaram a dar origem a outras plantas, o qual perdura até os dias de hoje. Entretanto, as catadoras divergem quanto aos modos de reprodução das plantas.

Para umas, são os animais selvagens e domésticos que se alimentam da mangaba e se encarregam de disseminar as suas sementes, o que confirma um dos modos de dispersão da espécie, que é a zoocoria, segundo Ferreira e Cunha (1980). Os animais relacionados pelas catadoras são: cavalo; gado; galinha; várias espécies de pássaros, incluindo papagaio, sabiá e sanhaço; raposa; cutia; lagartos, como teiú e calango; rato; macacos; preá; paca; cobras e outros que não foram lembrados. No geral, para as entrevistadas, os pássaros são os principais responsáveis pela dispersão, juntamente com os macacos.

Para outras, os pés de mangaba vão nascendo “à toa”, a partir das sementes dos frutos que caem e apodrecem na terra nas proximidades das demais plantas, desde que seja onde não há sombreamento. Mesmo para os que acreditam nesse modo de reprodução: “Se fossem nascer os pés das mangaba que cai tudo na terra, a gente não ia poder passar por baixo. Muitas os bichos matam com as pisadas” (Z. E. T., 70 anos, catadora de mangaba do povoado Cobó, BA).

De um modo ou de outro, não é alheio às catadoras que, ao movimento de disseminação da semente pelos animais e pelas próprias plantas por meio dos frutos que caem, agrega-se o trabalho humano no processo de reprodução dessas plantas, conforme explicado por uma das catadoras mais idosas do povoado Olhos d’Água, SE: “As galinhas comem as mangabas e vão soltando a semente. Aí é só ir chegando terra nelas e vai aguando no verão”.

Mas as catadoras também agem selecionando a distribuição das plantas que deverão crescer ou não. Para isso, arrancam aquelas mais frágeis e cuidam das que parecem mais fortes, viçosas e que estão distribuídas em lugares que permitem um crescimento ao sol. Segundo diferentes depoimentos das catadoras e, inclusive, das crianças, as fezes dos animais ajudam no

nascimento das plantas, porque a mangaba nasce após os bichos defecarem. As mudas oriundas das fezes do cavalo “vingam” mais. Consoante as palavras de uma catadora do povoado Alagamar: “Triste de nós se os bichos não deixassem o caroço, que é daí que sai a mangaba”.

Além da reprodução das mangabeiras por meio de sementes, há a produção de mudas para plantio em várias localidades visitadas. No entanto, é consenso que é muito difícil produzir uma muda e esta pegar, mesmo que este tipo de experimentação venha sendo realizado há anos.

Segundo as catadoras, a propagação da mangabeira pode ser realizada a partir do caroço (semente) das seguintes formas: plantio do fruto inteiro, plantio das sementes passadas na peneira e plantio do fruto amassado. Para elas, essas três formas são mais eficientes que o transplante de mudas que crescem naturalmente ao lado da planta-mãe. Todas essas formas foram constatadas em diferentes estados do Brasil, inquietando os pesquisadores quanto aos modos de socialização das mesmas práticas em áreas tão longínquas.

Diferentes modos de produção da muda foram relatados pelas catadoras, em que são explicitados que essa é uma atividade que demanda cuidados com os diferentes componentes necessários à produção da muda, assim como com a disciplina para a sua composição, evidenciando uma valorização positiva daqueles capazes de efetuar tão difícil e desafiante tarefa, sempre aludindo a um ou outro membro da família capaz de executá-la.

A produção da muda da mangabeira exige alguns cuidados que somente com a experiência do saber-fazer pode resultar em sucesso, uma vez que, normalmente, registra-se uma alta taxa de mortalidade nessa fase e no plantio no local definitivo, em decorrência do uso de substratos inadequados, quebra de raízes, uso de sementes inviáveis, incidência de fungos de solo fitopatogênicos e da provável ausência de fungos micorrízicos de importância para o desenvolvimento da muda (SILVA JUNIOR et al., 2008).

O depoimento a seguir de uma catadora do povoado Alagamar, SE, ilustra alguns dos cuidados e explicita, no âmbito da família, quem faz tal atividade: “Meu marido faz a muda com a fruta de caída, lavando a semente bem lavada, bota pra secar e planta. No saco bota estrumo e terra preta”.

Questionadas quanto aos lugares onde a mangabeira nasce, as catadoras explicam que ela nasce em diversos lugares, chamando a atenção para o fato de que a planta é pouco exigente quanto aos tipos de solo, preferindo aqueles arenosos, mas não dá em solos argilosos ou barro. Reforçam, com isso, a noção de uma quase “dádiva” dessa planta. Entretanto, ao se tratar da sua reprodução pelos homens por meio de mudas, os discursos mostram a quase impossibilidade da tarefa, chamando a atenção para a importância da experiência e do profundo conhecimento acerca da planta obtido apenas por aqueles que se dedicam há anos aos seus cuidados, como visto anteriormente.

Dos tratos e cuidados com as mangabeiras

Os cuidados com as plantas estão associados aos tipos de acesso que as catadoras têm, quais sejam, privado ou em áreas de uso comum. Nos primeiros, a limpa ou coroamento, o uso de cobertura morta como adubo, a poda dos galhos secos, a “molhação” das mudas e o consórcio são as principais práticas realizadas, segundo uma divisão do trabalho, na qual as mulheres executam quase todas as atividades, diferentemente do que se constata em outros cultivos, em que o trabalho das mulheres e das crianças é identificado como “ajuda”.

Nas áreas de uso comum, os cuidados se limitam à retirada de galhos secos e dos enxertos-de-passarinho. Não limpam embaixo, porque a terra não é delas, ou às vezes limpam um pouco para apanhar as mangabas do chão, mas reconhecem que em terra alheia não é adequado investir, além de considerarem que ali as plantas estão num ambiente que é delas, portanto, pouco exigentes em cuidados. A diferença entre os tratos também pode ser explicada em virtude da menor disponibilidade das plantas nas áreas privadas, o que estimula iniciativas para intensificar a produção.

A limpa (capina) consiste em fazer um coroamento (“rodar” a planta, como chamam alguns) na projeção da copa para evitar a competição do mato e proteger os frutos que caem. Às vezes, a limpa é feita varrendo a área (quando próximo à casa) ou “colocando os restos no pé da planta para o pé ficar mais forte”. Para A. D. E., catadora de mangaba da Vila de Nazaré, PE, “tratar é capinar somente e esperar a safra, a vontade dela. Sem sangrar, sem

nada”. A poda dos galhos secos também é feita após a produção, podendo ser manual ou com o gancho de coleta. Esta prática é compreendida como uma forma de melhorar a produção, já que os galhos atrapalham e não arejam a planta. Essa retirada também é feita na hora da colheita. Após o corte de galhos, a mangabeira se renova facilmente.

Há o aproveitamento dos restos culturais, de folhas secas, mato, lixo orgânico (geralmente quando as plantas estão próximas à casa) que são colocados junto ao tronco e usados como cobertura morta e adubo. Pode-se cobrir tudo com areia, pois quando chove se transforma em adubo.

As catadoras afirmam que não se faz irrigação em mangabeira, apenas uma “molhação” na fase de muda, até que as plantas peguem completamente. Outra prática bastante comum é o consórcio com outras fruteiras, sobretudo cajueiro, coqueiro e mangueira. Mesmo que o espaçamento não seja medido, respeitam-se alguns critérios, como manter certa distância para que “uma não roube a força das outras” e as raízes não se encontrem. Não pode haver sombreamento. Também se plantam entre as mangabeiras, mandioca, maxixe, melancia, quiabo, etc.

Nas mangabeiras próximas às casas, cujos tratos são maiores, tem-se o cuidado de controlar as formigas nas plantas novas e as casas de cupim, que levam muitos pés à morte.

Do mato para a casa: a coleta e o beneficiamento da mangaba

Nas áreas de uso comum, a coleta sempre se inicia nas primeiras horas do dia, para que se catem os melhores frutos, antes das outras catadoras ou mesmo dos animais. Para as catadoras, as mangabas caem em maior quantidade durante a madrugada, sendo essas as preferidas.

Segundo uma catadora do povoado Olhos d’Água, SE, “De madrugada, entre 3 e 4 horas da manhã, é a hora que cai mais frutos. Amanhece o dia caindo. Cai porque é marcada por Deus”. Constatação reforçada por uma outra catadora do povoado Pontal, para quem: “A mangaba do sereno é a melhor!”

A explicação para tal preferência é dada por um pequeno proprietário, em cujo estabelecimento existem mangabeiras nativas: “É diferente a mangaba

tirada ‘de vez’. Não tem tanto açúcar, quanto tem a mangaba caída do pé, que amadurece no pé mesmo. Quando ela cai, tem uma ciência: a mangaba quando cai meio dura, se a pessoa pegar e for chupar, ela ‘tá’ travando, por ela estar cheia de ‘leite’. Então, a gente tem que passar nada umas quatro horas ou mais, para aquele leite desaparecer e ela ficar boa” (B. A. R., proprietário de terra no povoado Taissoca de Dentro, SE).

As mangabas “de caída”, que estão em lugares próximos aos povoados onde residem as catadoras, são coletadas para diferentes finalidades, mas, nas áreas mais distantes, as catadoras evitam fazê-lo porque o trajeto de retorno é longo e os frutos se machucam.

A coleta das mangabas pode ser feita diretamente com as mãos — quando os frutos estão ao alcance ou quando são frutos “de caída” — ou com a ajuda de um gancho. A coleta feita com gancho é comum em todas as regiões do País, podendo ser de ferro acoplado a uma vara ou de madeira (vara em forma de gancho, retirada de árvores da região, que pode ser de pau-do-mangue, muricizeiro ou o que estiver disponível). O gancho para coleta da mangaba é o mesmo que se usa na coleta do licuri; a diferença é no tamanho da vara. Além de prático, é sustentável, uma vez que não quebra galhos, não destrói a folhagem e nem derruba frutos verdes. A utilização do gancho é de caráter individual, e os seus tamanhos variam em função das preferências, da disponibilidade dos paus nas matas próximas ou da capacidade da catadora de ter um gancho para o seu uso nas diferentes idas, podendo também ser emprestado aos vizinhos ou parentes, segundo as regras locais exercitadas.

Muitas catadoras (mulheres e crianças) também sobem nos galhos e derrubam os frutos com a mão. A maioria das catadoras reconhece que esta prática deve ser realizada com cuidado para não quebrar os galhos e prejudicar as plantas. Muitas sobem nos pés com um saco de náilon para enchê-lo de mangaba. Não é sempre que a mulher pode subir na mangabeira. Durante o período menstrual, muitas não sobem. Há regiões em que somente meninas que não são moças (ainda não tiveram a primeira menstruação) podem subir na árvore, sendo mais correto usar o gancho, conforme relato de E. A. M., catadora do povoado Capoã, SE.

Após a coleta dos frutos, a primeira etapa do manejo de pós-coleta, já nas residências, é a separação dos frutos maduros que porventura tenham se misturado com os “de vez”. Os frutos “de vez” são lavados para retirada de areia, impurezas e látex; em seguida, são colocados para escorrer e secar à sombra ou são enxugados com um pano. Não pode deixá-los ao sol, para não os “queimar”, embora algumas catadoras deixem por pouco tempo ao sol até secar. Uma das catadoras revelou que, antes de dominar as diferentes etapas do trato dos frutos, deixou-os secando ao sol sem enxugar e eles grudaram, dificultando a separação.

Após estarem secos, os frutos são “encapotados” ou “empacotados”, como também são chamados, para amadurecer em caixas de papelão, caixas de plástico, cestos de cipó, balaios forrados com plástico ou em outros recipientes, como baldes cobertos com papel, jornal ou folha de alguma planta, por cerca de três dias. Os frutos podem ainda ser acondicionados no chão coberto com um pano. Antigamente, o “encapotamento” era realizado em cestos; hoje, é feito mais no chão ou no balde. O uso de jornal e plástico é mais prático, mas as catadoras preferem as folhas de plantas (bananeira, por exemplo), porque não grudam e, segundo elas, são mais higiênicas, já que “não têm micróbios”.

“Espalha na esteira para enxugar. Encapota com papel de fardo de massa de milho ou folha de aningas. Com três dias ela amadurece” (T. A. N., catadora de mangaba do povoado Aningas, SE).

“Limpa e encapota num papel pardo ou com folha de bananeira ou de fonte. É melhor encapotar no cesto do que no balde porque junta água” (M. E. S., 80 anos, catadora de mangaba do povoado Olhos d’Água, SE).

“A gente tira a mangaba. Sai bem cedo e vamos tirar. Aí, depois de tirar, eu vou lavar, vou espalhar ela todinha em um cantinho e não deixar ninguém mexer nelas. Quando é no outro dia, eu lavo tudo pra mandar, ela vai toda lavadinha. E abafa com plástico” (M. A. R., catadora de mangaba de Tamandaré, PE).

Os frutos submetidos a esse processo são chamados de mangabas de “capote” ou de “capota”. Os consumidores preferem os frutos “de caída”. Entretanto, as fábricas preferem os “de capote” pelo fato de resistirem ao

transporte e à lavagem e estarem livres de detritos e areia. Até os anos 1990, antes do processamento na forma de polpa e do aumento da procura, as catadoras coletavam exclusivamente os frutos “de caída”.

Segundo as catadoras, não se deve coletar frutos verdes, porque tem de se pensar na próxima coleta e na reprodução das plantas. Mas também porque “A mangaba verde estraga o suco. Fica amarguento” (E. B., comerciante do povoado Convento, SE). Apesar do reconhecimento deste problema, a diminuição de áreas para coleta tem provocado uma corrida às plantas e uma série de agressões entre as catadoras que se veem na ameaça de perda de uma renda e maior empobrecimento.

Para finalizar, chamamos a atenção para os iminentes riscos de perda dos modos de constituição dos saberes e práticas elencados neste capítulo, em face das transformações que vêm ocorrendo nas formas de acesso aos recursos, em que a compra da produção dos proprietários de terra pelas catadoras de mangaba tende a se generalizar. Com isso, entra em declínio o próprio conhecimento sobre a espécie, em decorrência de que o contato das catadoras com as plantas se dá apenas na coleta e não em todo o ciclo da mangabeira num espaço biodiverso, cuja consequência será a erosão dos saberes não praticados, pelo esquecimento.

Além do mais, os modos de socialização do extrativismo, que têm na tradição oral um dos seus mais importantes componentes, serão comprometidos porque, numa situação de coleta via compra, as crianças e jovens serão pouco envolvidos no trabalho, por estarem menos disponíveis e serem menos ágeis. Assim, o repasse dos saberes sofrerá uma ruptura paralela àquela da relação afetiva com as plantas, que passarão a ser objeto de mercantilização e não um componente do complexo intercâmbio entre catadoras e a natureza, como explicita um depoimento coletado por Santos (2007): “[...] faço de tudo: vou pro mangue, faço roça, mas quando começa a botar eu vou pra minhas mangabas”.

Referências

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). **Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio-ambiente**. Belém: Cejup, 1997. p. 263-283.

CHARTIER, A. M. Escola, culturas e saberes. In: XAVIER, L.; CARVALHO, M. M. C. de; MENDONÇA, A. V.; CUNHA, J. L. da. **Escola, culturas e saberes**, Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 9-28.

CUNHA, M. C. da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista da USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, set./nov. 2007.

FERREIRA, M. B.; CUNHA, L. H. de. Dispersão de plantas lenhosas do cerrado - germinação e desenvolvimento. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 6, n. 61, p. 27-37, 1980.

SANTOS, J. V. dos. **O papel das mulheres na conservação das áreas remanescentes de mangabeiras (*Hancornia speciosa* Gomes) em Sergipe**. São Cristóvão, 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Núcleo de Pós-Graduação em Estudos e Recursos Naturais, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

SILVA JUNIOR, J. F. da; LEDO, A. da S.; VIEIRA NETO, R. D.; TUPINAMBÁ, E. A. **Produção de mudas de mangabeira por sementes**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2008. 6 p. Folder.

VEIGA, I. Saber e participação na transformação dos sistemas de produção da agricultura familiar da Amazônia. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO SOBRE INVESTIGAÇÃO E EXTENSÃO EM SISTEMAS AGROPECUÁRIOS - IESA, 5.; ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO - SBPS, 5., 2002, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SBSP, 2002. 1 CD-ROM.